

Te Deum em São Roque

Coro Gulbenkian
Divino Sospiro
Jorge Matta



GULBENKIAN
MÚSICA

31 dez 2018

Te Deum em São Roque

31 DEZEMBRO
SEGUNDA

17:00 — Igreja de São Roque

Coro Gulbenkian

Divino Sospiro

Jorge Matta Maestro

Bárbara Barradas Soprano

Carolina Figueiredo Meio-Soprano

Marco Alves dos Santos Tenor

André Baleiro Baixo

Wolfgang Amadeus Mozart

Te Deum, K. 141

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur

Te ergo quaesumus

Aeterna fac cum sanctis tuis

In te Domine speravi

Arvo Pärt

Da pacem Domine

Francisco António de Almeida

Te Deum

Te Dominum confitemur

The gloriosus

Te martyrurum

Te per orbem terrarum

Venerandum

Tu ad liberandum

Tu devicto mortis

Tu ad dexteram Dei

Te ergo quesumus

Aeterna fac

Dignare Domine

Miserere nostri

Fiat misericordia

In te Domine speravi

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mais conta de livros. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 15 min.
Concerto sem intervalo

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756
Viena, 5 de dezembro de 1791

Te Deum, K. 141

COMPOSIÇÃO: c. 1769
DURAÇÃO: c. 7 min.

Vindo referenciado como hino ambrosiano no Breviário Romano, pois durante a Idade Média foi atribuído a Santo Ambrósio, o *Te Deum* é originalmente um hino gregoriano de características laudatórias. Segundo os cânones da Igreja Romana, este hino deveria ser integrado no *Ofício Divino* (ou *Liturgia das Horas*) e interpretado no final das Matinas de Domingo. Contudo, o *Te Deum* – e especialmente os seus versículos, já desconectados da melodia original – começaria também a ser utilizado fora do referido contexto, como, por exemplo, para celebrar a vitória sobre um inimigo (nos casos dos *Te Deum* de Händel ou de Charpentier), para glorificação de um rei (*Te Deum* de Lully) ou até para a recepção de um monarca estrangeiro (*Te Deum* de Frei Manuel dos Santos). Naturalmente que, nos casos referidos, são já composições de substancial envergadura nas suas diversas dimensões. Ainda que o manuscrito original se tenha perdido, os factos levam a supor que Wolfgang Amadeus Mozart tenha composto o seu *Te Deum* no final dos anos sessenta do século XVIII, quando contava apenas treze anos de idade, e antes da sua partida para Itália. Apesar da avultada dimensão do texto, trata-se de uma obra breve e despretensiosa, dividida em quatro secções. A ostensiva secção inicial, em *Allegro*, aborda musicalmente o texto

desde o início, sem introdução instrumental. Escrita maioritariamente em Dó maior, recorre a tonalidades menores apenas nas frases “*martyrum candidatus*”, em Lá menor, e “*Tu devicto mortis aculeo*”, na tonalidade homónima de Dó menor, revelando já um aguçado sentido dramático por parte do então jovem compositor, e uma elevada perícia no tratamento da modulação. Um *Adagio* sobre o texto “*Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redemisti*”, constitui uma brevíssima, mas intensa ponte para uma terceira secção “*Aeterna fac cum sanctis tuis*” (*Allegro*) que se inicia na lamentosa tonalidade de Ré menor. A última secção, “*In te Domine speravi*”, consiste essencialmente numa extensa e complexa dupla fuga. Apesar de eventualmente modelada sobre as grandes fugas contidas nas composições homónimas de Michael Haydn ou Joseph Haydn, Mozart conseguiu tratar o género com notável liberdade, criatividade e autonomia.



O JOVEM W. A. MOZART © DR

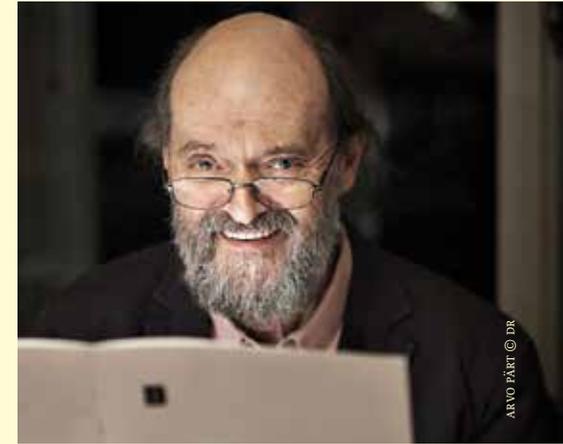
Arvo Pärt

Paide, Estónia,
11 de setembro de 1935

Da pacem Domine

COMPOSIÇÃO: 2004-2006
DURAÇÃO: c. 5 min.
ESTREIAS: Barcelona, 1 de julho de 2004
(versão coral) – Talin, 18 de maio de 2007
(versão para coro e orquestra de cordas)

Da Pacem Domine foi dedicada às vítimas dos atentados bombistas que ocorreram em Madrid, a 11 de março de 2004, tendo sido encomendada pelo músico catalão Jordi Savall. Desde a sua estreia, a obra tem marcado presença em Espanha na evocação da memória das vítimas desse trágico acontecimento. Arvo Pärt iniciou a composição logo após os incidentes, baseando-a numa antífona gregoriana. Originalmente escrita para coro a quatro vozes, a obra foi mais tarde adaptada para outros meios, nomeadamente quarteto de cordas, orquestra de cordas e coro e orquestra de cordas. Arvo Pärt recorreu nesta obra a procedimentos técnicos peculiares da música vocal da *Ars Nova*. A citação quase literal da referida antífona, à maneira de um *cantus firmus*, está inteiramente associada à linha melódica do contralto, sendo apenas interrompida nos momentos cadenciais, através da inclusão de notas alteradas, numa clara alusão ao arcaico conceito de *musica ficta*. Devido à sua configuração, estas cadências – as quais pontuam o final de cada fragmento textual – evocam a música de compositores como Guillaume de Machault ou Philippe de Vitry. Também os *hoquetus* – processo que consiste numa alternância rítmica entre duas ou mais vozes – que percorrem a composição, maioritariamente presentes



ARVO PÄRT © DR

na voz do tenor, vinculam-na à música do período gótico. Até mesmo os paralelismos intervalares entre as vozes, que ocorrem entre o baixo e o contralto e entre o baixo e o tenor, constituem uma herança da técnica tardo-medieval denominada *fauxbourdon*. Apesar da coexistência de todos os elementos técnicos referidos e, conseqüentemente, da complexidade arquitetónica presente nesta composição, emerge uma surpreendente uniformidade sonora. A aparente ausência de referências rítmicas ou até mesmo melódicas – considerando que estes elementos estão presentes nesta composição, mas apenas num nível subliminar –, a uniformidade textural e o carácter obsessivo da linha melódica superior, exclusivamente centrada na tríade de Ré menor (um conceito que Pärt define como “tintinabular”, em referência ao termo latino *tintinnabulum*, que designa um sino processional) conferem a *Da pacem Domine* um carácter hipnótico, resultando numa música que melhor se pode definir como uma paisagem sonora, estática e intemporal.

Francisco António de Almeida

fl. 1722-1755

Te Deum

COMPOSIÇÃO: Séc. XVIII (s.d.)
DURAÇÃO: c. 55 min.

À semelhança de vários outros músicos portugueses do século XVIII, são escassos os elementos biográficos que nos chegaram sobre Francisco António de Almeida, nomeadamente as datas do seu nascimento e morte, pressupondo-se que terá sido uma das muitas vítimas do terramoto de 1755. Sabe-se também que, a expensas da Coroa Portuguesa, foi enviado para estudar em Roma, onde gozou de bastante prestígio enquanto compositor. Regressando a Portugal em 1726, tornou-se organista da Capela Real e da Patriarcal de Lisboa. Deixou-nos um substancial conjunto de composições dramáticas, entre as quais se destaca a ópera cómica *La Spinalba ovvero il vecchio matto* (1739), e algumas composições sacras, como a oratória *La Giudita* e o *Te Deum*. Adquire força de evidência, ao ouvir qualquer uma destas obras, estarmos perante um dos grandes vultos da música portuguesa setecentista. Apesar de não se conhecerem quaisquer registos acerca da sua estreia, a exuberância da escrita musical do *Te Deum*, a opulência de meios vocais e instrumentais empregues, a sua complexidade formal e textural, ou a intensa atividade contrapontística, filia esta obra numa estética transalpina. À semelhança do hino gregoriano em que se baseou (*Te Deum laudamus*), a obra provavelmente terá sido destinada a integrar um evento cerimonial de índole panegírica. Sumariamente, o *Te Deum* de Francisco António de Almeida, consiste numa alternância entre fragmentos



FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA. CARICATURA DE PIER LEONE GHEZZI (1674-1755) © DR

orquestrais e policorais de pujante densidade – neste último aspeto, indo ao encontro das composições homólogas de tradição ibérica, que favoreciam a policoralidade –, privilegiando as grandes massas corais e orquestrais, mas incluindo momentos mais intimistas reservados a conjuntos vocais e a árias solistas, estes evidenciando uma escrita mais exígua, consubstanciada em pequenos conjuntos instrumentais, extraídos do seio da orquestra e suportados pelo contínuo. Constituem disso exemplo duas das mais expressivas e pungentes árias contidas no *Te Deum*: a ária para contralto *Tu devicto mortis* e a ária para soprano *Miserere*. A abertura da obra, ao estilo francês, com duas secções, consiste numa lenta (*Grave*) e solene introdução, seguida de um majestoso *Allegro* – sublinhando-se aqui a acentuada autonomia das partes instrumentais relativamente às vozes – que define o modelo essencial para os restantes andamentos de *tutti*.

NOTAS DE LUÍS RAIMUNDO



ADORAÇÃO DOS ANJOS, POR BENOZZO GOZZOLI, 1465, CAPELLA DO PALAZZO MEDICI RICCARDI, FLORENÇA © DR

Da pacem Domine

Da pacem, Domine, in diebus nostris
Quia non est alius
Qui pugnet pro nobis
Nisi tu Deus noster.

Dá a paz, Senhor, aos nossos dias
Pois não há outro
Que lute por nós
Senão tu, nosso Deus.

Te Deum

Te Deum laudamus:
te Dominum confitemur.
Te aeternum Patrem omnis terra veneratur.
Tibi omnes Angeli, tibi caeli,
et universae potestates:
Tibi Cherubim et Seraphim
incessabili voce proclamant:
Sanctus, Sanctus, Sanctus
Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt caeli et terra
majestatis gloriae tuae.

Louvamos-te, ó Deus:
e confessamos-te, Senhor.
Toda a terra te venera, Pai eterno.
Louvem-te todos os Anjos, os céus
e todas as potestades:
Querubins e Serafins
aclamam-te sem cessar:
Santo, Santo, Santo é o Senhor,
Deus dos exércitos.
O céu e a terra estão cheios
da majestade da tua glória.

Te gloriosus Apostolorum chorus,
Te Prophetarum laudabilis numerus,
Te martyrum candidatus laudat exercitus.
Te per orbem terrarum
sancta confitetur Ecclesia:
Patrem immensae Majestatis:
Venerandum tuum verum et unicum Filium:
Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.
Tu Rex gloriae, Christe.
Tu Patris sempiternus es Filius.

Tu ad liberandum suscepturus hominem,
non horruisti Virginitatis uterum.
Tu devicto mortis aculeo, aperuisti
credentibus regna caelorum.
Tu ad dexteram Dei sedes, in gloria Patris,
Judex crederis esse venturus.
Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni,
quos pretioso sanguine redemisti.
Aeterna fac cum Sanctis tuis
in gloria numerari.
Salvum fac populum tuum, Domine,
et benedic hereditati tuae.
Et rege eos, et extolle illos usque in aeternum.
Per singulos dies benedicimus te.
Et laudamus nomen tuum in saeculum,
et in saeculum saeculi.

Dignare Domine die isto sine
peccato nos custodire.
Miserere nostri, Domine, miserere nostri.
Fiat misericordia tua, Domine, super nos,
quemadmodum speravimus in te.
In te Domine speravi:
non confundar in aeternum.

Louva-te o glorioso coro dos Apóstolos,
louva-te a falange imensa dos profetas,
louva-te a legião dos candidatos a mártires.
Por toda terra te celebra
a santa Igreja:
Pai de imensa majestade:
venera o teu verdadeiro e único Filho:
e também o Espírito Santo Paráclito.
Tu és o Rei da glória, ó Cristo.
Tu és o Filho do Pai eterno.

Tu que, para remissão dos homens,
não recusaste o ventre da Virgem.
Tu que, após vencido o laço da morte,
aos fiéis abriste o reino dos céus.
Tu que estás à direita de Deus, na glória do Pai,
acreditamos que virás como juiz.
Por isso te pedimos: vem em socorro do teu
povo, que redimiste com o precioso sangue.
Faz com que os teus Santos
mereçam a glória eterna.
Salva o teu povo, Senhor,
e abençoa a tua herança.
E guia-os e engrandece-os para sempre.
Bendizemos-te dia após dia.
E louvamos o teu nome por séculos,
e pelos séculos dos séculos.

Naquele dia, Senhor, digna-te
guardar-nos sem pecado.
Tem piedade de nós, Senhor, tem piedade de nós.
Venha sobre nós a tua misericórdia, Senhor,
uma vez que esperámos em ti.
Esperei em ti, Senhor:
que jamais venha a ser confundido.

Jorge Matta

Maestro



JORGE MATTÁ © HUGO GLENDINNING

Jorge Matta é o Maestro Adjunto do Coro Gulbenkian. É doutorado em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa, instituição onde ensina no Departamento de Ciências Musicais. Investigador, editor e intérprete, tem-se destacado pela recuperação e divulgação do património musical português. Concretizou a primeira audição moderna de mais de 300 obras vocais e instrumentais de compositores portugueses e dirigiu, em estreia absoluta, obras de Constança Capdeville, Jorge Peixinho, Fernando Lopes-Graça, Filipe Pires, Miguel Azguime e Eurico Carrapatoso. A sua já longa discografia, a maior parte com o Coro Gulbenkian, é dedicada também à música portuguesa, desde a polifonia seiscentista até aos compositores

dos nossos dias. O CD “Música Portuguesa do Séc. XVIII” foi distinguido com o prémio *Discobole* da Academia Francesa do Disco. Como autor e intérprete, Jorge Matta gravou para a televisão as séries de programas *Música de Corte no Palácio da Ajuda* (1986), *Tempos da Música* (1988) e *Percursos da Música Portuguesa* (2008). Participou em importantes festivais de música em Portugal e no estrangeiro (Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Israel, China e Estados Unidos da América) e dirigiu as mais importantes orquestras em Portugal, para além de outros agrupamentos na Bélgica, na Alemanha e nos Estados Unidos da América. Foi Diretor do Teatro Nacional de São Carlos e Presidente da Comissão de Acompanhamento das Orquestras Regionais.



BÁRBARA BARRADAS © DR

Bárbara Barradas

Soprano

Bárbara Barradas nasceu em Lisboa. Estudou canto e piano na Escola de Música do Conservatório Nacional e, como bolsista da Fundação Gulbenkian, prosseguiu a sua formação na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, onde se diplomou com distinção. Ganhou vários prémios nacionais e internacionais, incluindo o Prémio Bocage do Concurso de Canto Luísa Todí (2005) e o 2.º Prémio da Guildhall Aria Award Competition (2009). Foi finalista no Concurso Leyla Gencer de 2012. Em 2014 recebeu o Prémio Donizetti (papel principal em *Lucia di Lammermoor*) no concurso “Grandi Voci”, em Salzburgo. No domínio da ópera interpretou, entre outras obras: *Rigoletto* (Gilda); *D. Giovanni* (Donna Anna e Zerlina); *A flauta mágica* (Rainha da Noite); *Dido e Eneias* (Belinda); *Tiçã Negro* (Branca), de Augusto Machado; *As bodas de Figaro* (Barbarina), com o Coro e a Orquestra Gulbenkian; *Il viaggio a Reims* (Delia), de Rossini, e *O gato das botas* (Princesa), de Montsalvatge, no Teatro Nacional de São Carlos; *Carmen* (Frasquita), no Woodhouse Festival (Reino Unido). Participou também nos projetos Flanders Operastudio e enoa. Em concerto e recital, atuou em vários palcos em Portugal e no estrangeiro, incluindo: Fundação Gulbenkian, Centro Cultural de Belém (Dias da Música), Fórum Luísa Todí, Ronnie Scott’s Jazz Club e St. James Theatre (Londres), Henley Festival, Glyndebourne Chorus Opera Festival e deSingel (Antuérpia).



CAROLINA FIGUEIREDO © DR

Carolina Figueiredo

Meio-Soprano

Carolina Figueiredo formou-se em canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. Trabalha regularmente com Manuela de Sá e, no âmbito de *masterclasses*, com Susana Waters e Lucia Mazzaria. No domínio da ópera, integrou os elencos de *O Anão* (3.ª Camareira) de Zemlinsky, *Dialogues des Carmélites* (Mère Jeanne) de Poulenc, *Madama Butterfly* (Kate Pinkerton) de Puccini, *Ester* (Assuero) de L. Moreira, *El Gato Montés* (Loliya e Pastorcillo) de Penella, *Il Viaggio a Reims* (Modestina) de Rossini, *Bastien und Bastienne* (Bastien) de Mozart, *Turandot* (Uma cantora) de Busoni, *Peer Gynt* (3.ª Pastora) de Grieg, e Fausto (Marthe) de Gounod, nos palcos do Teatro Nacional de São Carlos e da Fundação Gulbenkian. Em concerto interpretou, entre outras obras: *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, *Messias* de Händel, *Te Deum* de Charpentier, *Magnificat* de Vivaldi, *Missa em Dó Maior* de Beethoven, *Manfred* de Schumann, *Les béatitudes* de Franck, *Il tramonto* de Respighi, *Sonho de uma noite de verão* de Mendelssohn e *Les nuits d’été* de Berlioz. É regularmente acompanhada em recital por Olga Prats, João Paulo Santos, José Manuel Brandão, Anna Tomasik, ou João Vaz. Protagoniza também produções de música contemporânea, de compositores como Carlos Marecos (*Dor e Amor*) e Jorge Salgueiro (*Vida de um Vinho, Eros*), cujas obras estreou e gravou, bem como o papel de Condessa Rosina na ópera *Beaumarchais* de Pedro Amaral.



MARCO ALVES DOS SANTOS © DR

Marco Alves dos Santos

Tenor

Marco Alves dos Santos nasceu em Lisboa. Como bolsista da Fundação Gulbenkian, licenciou-se em canto pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Apresentou-se como solista em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha, tendo interpretado vários papéis de ópera e opereta: Tamino (*A flauta mágica*); Mr. Owen (*Postcard from Morocco* de D. Argento); Gastone (*La traviata*); Tristan (*Le Vin herbé* de F. Martin); Leandro (*La Spinalba* de F. A. de Almeida); Orphée (*La descente d’Orphée aux enfers* de Charpentier); Ernesto (*Don Pasquale*); Anthony (*Sweeney Todd*); Nathanael (*Les contes d’Hoffmann*); Duque de Mântua (*Rigoletto*); Prunier (*La rondine*); Kornelis (*La princesse jaune* de Saint-Saëns); Pierre (*The Wandering Scholar* de G. Holst); ou Ferrando (*Così fan tutte*). Em 2015/16 interpretou os papéis de Oddio (*Armida* de Myslivecek), Malcolm (*Macbeth*), Yamadori (*Madama Butterfly*), D. Sancho (*O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis* de Ruy Coelho), Conde Barigoulle (*Cendrillon* de P. Viardot), Conde Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Berger (*Oedipus Rex*), bem como o Evangelista nas Oratórias de Natal, de Páscoa e da Ascensão, de J. S. Bach, com a Orquestra Metropolitana, e o tenor solista no *Te Deum* de Charpentier, com a Orquestra Gulbenkian. No âmbito do repertório sinfónico destacam-se ainda concertos com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Remix Ensemble, as Orquestras do Algarve, das Beiras, Clássica de Espinho e do Norte, a Sinfónica Juvenil, o Divino Sospiro e o Ensemble MPMP.



ANDRÉ BALEIRO © DR

André Baleiro

Baixo

André Baleiro estudou no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa. Posteriormente viajou para Berlim para se aperfeiçoar em Canto na Universidade das Artes, com Siegfried Lorenz, Axel Bauni e Eric Schneider. Foi bolsista da Fundação Walter & Charlotte Hamel (Hanôver) e da Fundação Gulbenkian. Em 2016 venceu o Concurso Internacional Robert Schumann, em Zwickau, na Alemanha, bem como o Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa. Colabora regularmente com a Ópera de Câmara de Munique, onde se estreou em 2016 no papel de Figaro (*O barbeiro de Sevilha*). Destacam-se também as interpretações de Don Parmenione (*L’occasione fa il ladro* de Rossini) no Teatro Pérez Galdós, em Las Palmas; Belfiore (*Fra i due litiganti il terzo gode* de G. Sarti); o papel principal em *Ainda não vi-te as mãos*, de Ayres d’Abreu, no Teatro Municipal de Santarém; Cabo da Guarda (*Il cappello di paglia di Firenze* de Nino Rota) e Pantalone (*Turandot*) no Teatro Nacional de São Carlos. Em concerto, interpretou a *Paixão segundo São Mateus*, de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian, *Um Requiem Alemão* de Brahms, na Salle Métropole de Lausanne, e o *Requiem* de Fauré, no festival *La Folle Journée*, em Nantes e Tóquio. Apresenta-se também com regularidade em recital, na Alemanha e em Portugal. Em 2015, no Piano Salon Christophori, em Berlim, interpretou o *Italianisches Liederbuch* de Hugo Wolf, acompanhado pelo pianista Eric Schneider.

Divino Sospiro



Desde a sua criação, participou em alguns dos mais prestigiados festivais e apresentou-se em importantes salas de concertos, tanto em Portugal como a nível internacional, desde a Europa até ao Japão. Entretanto, foram muitos os registos do Divino Sospiro realizados para a Radio France, a Antena 2, a RAI, o canal Mezzo e a RTP, bem como gravações nas etiquetas Nichion, Dynamic e Panclassics. Estas gravações mereceram os maiores elogios da crítica especializada, com destaque para os 5 *Diapason* atribuídos pela eminente revista francesa homónima. “Os Divino”, como simpaticamente são chamados os músicos do agrupamento, ocupam hoje um lugar de destaque na vida musical de Portugal, sendo reconhecidos pela entrega e curiosidade e pela forma viva e intensa com que abordam o desafio da interpretação musical historicamente informada. Com a passagem dos anos, estes fatores foram-se tornando a imagem de marca do grupo. Divino Sospiro teve a colaboração de prestigiados artistas como V. Ghielmi, C. Banchini, C. Pluhar, R. Alessandrini, E. Onofri, M. C. Kiehr, A. Pendatchanska, Katia e Marielle Labèque, C. Coin, E. Kirkby ou F. Aspromonte, entre muitos outros. Apostado na internacionalização

desde a sua fundação, o agrupamento está na vanguarda da divulgação do património cultural português e dos seus intérpretes, através das suas digressões e participações em festivais. Entre os seus compromissos futuros, merecem destaque as estreias nos festivais de Halle, Lyon e Blaibach e a colaboração com artistas como A. Scholl, P. Jaroussky, A. Kirschlager ou Ian Bostridge, entre outros. Em 2013, o Divino Sospiro criou o Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal, em colaboração com a Parques de Sintra – Monte da Lua. Desde então, o projeto tem realizado temporadas de música nos Palácios Nacionais de Queluz e de Sintra, colóquios internacionais, projetos de sensibilização para a música e para as artes, além de ter dado vida ao importante projeto de recuperação do acervo histórico do Palácio de Queluz, incluindo o pianoforte de Muzio Clementi, bem como o repertório focado no conjunto de Serenatas escritas durante o século XVIII para o Palácio de Queluz, único na Europa. Desde 2012/13, o Divino Sospiro tem mantido com o Coro Gulbenkian uma colaboração regular em projetos artísticos no âmbito da música antiga, incluindo a realização de concertos e gravações.

PRIMEIROS VIOLINOS

Iskrena Yordanova
Jivka Kaltcheva
Elisa Bestetti
Valeria Caponnetto
Matilde Tosetti
Raffaele Nicoletti

SEGUNDOS VIOLINOS

Barbara Erdner
Malina Mantcheva
Katarzyna Solecka
Pierfrancesco Pelà
Luciana Cruz
Gabriele Politi

VIOLONCELOS

Marco Frezzato
Ana Raquel Pinheiro
Catarina Távora

CONTRABAIXOS

Marta Vicente
Pedro Wallenstein

FLAUTAS

Laura Pontecorvo
Joana Amorim

OBOÉS

Pedro Castro
Luís Marques

FAGOTE

Giulia Breschi

TROMPAS

Paulo Guerreiro
Hermes Pecchinini

TROMPETES

Óscar Carmo
Hugo Santos

TÍMPANOS

Rui Gomes

ALAÚDE

Pietro Prosser

ÓRGÃO / CRAVO

José Carlos Araújo

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

CORO GULBENKIAN © GM-MÁRCIA LESSA

Michel Corboz Maestro Titular
Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Claire Santos
Clara Coelho
Filipa Passos
Inês Lopes
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Mariana Rodrigues
Marisa Figueira
Rosa Caldeira
Rute Dutra
Sara Afonso
Susana Duarte

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Elsa Gomes
Fátima Nunes
Joana Esteves
Manon Marques
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Raquel Rodrigues
Rita Tavares

TENORES

Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Artur Afonso
Diogo Pombo
Frederico Projecto
Gerson Coelho
Jaime Bacharel
João Pedro Afonso
Jorge Leiria
Manuel Gamito
Miguel Silva
Rodrigo Carreto

BAIXOS

Fernando Gomes
João Costa
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Luís Pereira
Mário Almeida
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova
Rui Borrás
Sérgio Silva
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Andrade
Joaquina Santos
Fábio Cachão



17 + 18 janeiro

Concerto para Violino Beethoven



Orquestra Gulbenkian

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA
THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA
VA
VEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA
CASA

MECENAS
CICLO PIANO
pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA
BPI

THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.
Emissões de CO₂ combinadas de 154 a 164 g/km.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
200 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Dezembro 2018

